

Educação e Fotografia: uma análise quantitativa do projeto "olhar socioambiental"

André Riani Costa Perinotto

*Universidade Federal do Piauí, Campus Parnaíba, Parnaíba, Piauí – Brasil
perinotto@ufpi.edu.br*

Hemílio Fernandes Campos Coêlho

*Departamento de Estatística do Centro de Ciências Exatas e da Natureza da Universidade Federal da Paraíba,
João Pessoa, Paraíba – Brasil
hemilio@de.ufpb.br*



Educação: teoria e prática, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1981-8106

Está licenciada sob [Licença Creative Common](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Resumo

O presente artigo procura descrever o processo de desenvolvimento do projeto “Olhar Socioambiental”, uma ação extensionista da Universidade Federal do Piauí (UFPI), envolvendo alunos dos cursos de Bacharelado em Turismo e Licenciatura em Ciências Biológicas, bem como mostrar a sua importância para as comunidades trabalhadas. O projeto constitui-se de oficinas fotográficas, objetivando estimular a criatividade e, também, desenvolver uma nova percepção de conservação ambiental dos jovens envolvidos, usando a fotografia como ferramenta de educação. O levantamento estatístico realizado nas comunidades foi feito por meio de dois questionários, cujas informações utilizadas possibilitaram traçar um perfil dos participantes da ação extensionista, assim, criou-se uma análise com gráficos, para ilustrar tais relevâncias do estudo e sua profundidade. O projeto foi importante, nesse sentido, para a realização de um levantamento estatístico sobre o perfil dos alunos dessas comunidades, no caso específico do objeto de estudo do presente trabalho, as comunidades do Delta do Parnaíba. O projeto trouxe informações relevantes sobre seus hábitos, valores e necessidades.

Palavras-chave: Educação. Fotografia. Turismo. Meio ambiente.

Education and Photography: A quantitative analysis of the “Socio-environmental Look Project”

Abstract

This article seeks to describe the process of developing the “Socio-environmental Look Project” an extension action of the Federal University of Piauí (UFPI), involving students of Tourism Bachelor and Biological Sciences Degree as well show its importance worked for the communities. The project consists of photographic workshops aimed at stimulating creativity and also develop a new awareness of environmental conservation of the youth involved

using photography as a tool for education. The statistical survey conducted in the communities was done by means of two questionnaires, which allowed information used to profile the participants of this action extension thus created an analysis with graphics to illustrate the relevance of these study and its depth. The project was also important to conduct a statical survey on the profile of students from these communities, in the specific case of the subject matter of this work, the Parnaibas's Delta communities. The project has relevant information about your habits, values and needs.

Keywords: Education. Photography. Tourism. Environment.

1 Apresentação

Este artigo foi baseado no projeto de extensão “A Percepção do olhar pelas comunidades do Delta do Parnaíba através da fotografia socioambiental”, que teve como financiador o edital PROEXT MEC/CULTURA 2008/2009. O projeto em questão teve seu título abreviado pelos membros avaliadores do MEC como “Olhar Socioambiental”, devido ao extenso nome do projeto apresentado à época. Neste artigo, são apresentados quantitativos do resultado final, além das experiências vivenciadas e aprendidas, descrições dos passos que o projeto utilizou nas etapas do projeto e os resultados finais do projeto.

O foco do projeto, que ocasionou este artigo, foi trabalhar a fotografia como uma ferramenta para educação ambiental e uma educação sociopolítica, inserindo os seus participantes em novas oportunidades de aprendizagem e formas de observar o seu cotidiano através das imagens fotográficas que eles mesmos foram criando.

Assim, um trabalho fotográfico possui vida própria e linguagem própria, e deve ser justificado por si mesmo, como também deve permitir a manipulação de seus elementos através de estudo, pesquisa ou pela própria intuição do fotógrafo.

Cada fotógrafo deve estar consciente da ação de fotografar, que, além de *captar imagens*, remete a um registro de sua opinião sobre as coisas, sobre o mundo. A sua abordagem sobre qualquer tema que o define e o expressa, cabendo às pessoas adequarem a fotografia aos seus sentimentos, sensibilidade e criatividade.

É importante saber que o equipamento utilizado permite que a fotografia aconteça com certa precisão, porém esses aparatos somente são instrumentos que o fotógrafo utiliza se estiverem condicionados ao posicionamento, conhecimento e vivência da realidade que pretende retratar.

O fotógrafo deve utilizar o plano visual com elementos precisos, como se fosse uma "mala de viagem", cuja ocupação requer racionalidade e utilidade dos componentes. É a

elaboração criativa desses elementos dentro do quadro visual, que sintetiza a ideia na retratação da realidade.

O conceito de “alfabetismo visual”¹ é proposto por Doris Dondis em *Sintaxe da linguagem visual*. Nesse sentido, à semelhança do surgimento do livro e dos tipos móveis, que favoreceram o estabelecimento de uma cultura escrita, a popularização da fotografia e das imagens, em geral, também traz a reboque uma cultura visual cada vez mais presente na sociedade contemporânea. Vivemos rodeados de imagens de todos os tipos, a começar pelas fotos de identificação dos documentos, até as imagens publicitárias e jornalísticas que abundam na mídia e nas ruas das cidades. Compreender tais imagens, saber interpretá-las adequadamente, torna-se fundamental na sociedade contemporânea, já indicando o uso necessário desse “alfabetismo visual”.

Como observou o fotógrafo e antropólogo Milton Guran, as comunidades empobrecidas, que sofrem amplos processos de exclusão social, geralmente não participam da produção da própria imagem, “sendo sempre e sistematicamente apresentadas ao conjunto da sociedade sob o impacto da tragédia – catástrofes, guerra de quadrilhas e confrontos com a polícia – o que só faz aumentar o preconceito com essa parte da população e a diminuir sua auto-estima” (GURAM, 2004, p.81).

Nesse sentido, Souza (2006, p.62) reforça que “a fotografia deve ser considerada uma ferramenta que intervém tanto no processo de aprendizagem quanto na produção de descobertas não previstas nele”. Assim:

A linguagem fotográfica é vista como uma prática, que pode ser estimulada na escola [...]. Colocando em foco as múltiplas formas de ver e ser visto, o ato fotográfico desponta como mais um caminho de problematização da vida, que nos permite, através da mediação técnica da câmara fotográfica, registrar, decifrar, ressignificar e recriar o mundo e a nós mesmos. (LOPES, 2006, p.230).

A realização de oficinas fotográficas e cursos de educação socioambiental visaram sensibilizar e estimular a cultura fotográfica e a percepção do ambiente que o público-alvo se encontra.

O projeto possuiu compromisso social e cultural para contribuir à construção de uma sociedade democrática e saudável através da arte e da educação, fundamentada em valores

¹ Na alfabetização visual, a cultura é adquirida por meio de educação e aquisição de repertórios. Para Dondis (1999, 21) “Há milênios o homem vem funcionando como uma criatura que vê e, assim, abarcando vastidões. Só recentemente, porém (..) ele foi capaz de passar da rudeza da fala (..) enquanto meio de expressão, (..) para os poderes infinitos da expressão visual, capacitando-se assim a compartilhar, com todos os seus semelhantes e com enorme rapidez, imensos conjuntos dinâmicos”. Ainda, segundo Dondis (1999, 23), “visualizar é ser capaz de formar imagens mentais”.

éticos, no respeito às pessoas e ao meio ambiente. Entende-se que saúde, educação, justiça e solidariedade constituem a base de uma sociedade e que a arte fotográfica possibilita a expressão das diferenças.

Assim, o projeto “olhar socioambiental” foi constituído de oficinas específicas, cujos objetivos foram estimular a criatividade, a resolução de problemas e a educação ambiental através da fotografia, além de divulgar a cultura da região do Delta do Parnaíba.

A ação extensionista contribuiu para a discussão e análise da linguagem fotográfica como recurso pedagógico. Esta reflexão mostra que a fotografia pode auxiliar a prática de ensino, relacionada à educação socioambiental.

Essas ações, cujos envolvidos demonstram a preocupação em contribuir com a formação em educação para a formação de sujeitos ecológicos, potencialmente protetores do meio-ambiente e conscientes de sua realidade.

Através da fotografia e da educação ambiental, o projeto associa educação e comunicação, aproxima diferentes disciplinas, buscando concretizar no momento presente uma proposta para a “educação do futuro”. Educação que exige um esforço multidisciplinar capaz de unir ciências e humanidades e romper com a oposição entre natureza e cultura.

Para Morin (2006, p.32), “é necessário promover o conhecimento capaz de apreender os problemas globais e fundamentais para neles inserir os conhecimentos parciais e locais”. As oficinas de educação ambiental apresentaram aos educandos problemas ambientais mundiais, por exemplo, o aquecimento global. Para indicar possíveis soluções para esse problema, as pessoas precisarão unir os conhecimentos e pensar soluções locais para problemas fundamentais. E utilizar a cultura fotográfica para reforçar tal aprendizado acredita-se ser crucial para manter firme a relação entre suas culturas intrínsecas.

Morin (2006, p.34) alerta que “cuidar do destino planetário do gênero humano se torna cada vez mais indispensável a cada um e a todos, sendo um dos principais objetos da educação”. A crise planetária aproxima todas as pessoas, visto que elas se confrontam com o mesmo destino.

Compreende-se que a fotografia pode ser usada como recurso pedagógico, pois ela inclui tanto o gesto de quem fotografa quanto de quem lê a foto. O projeto permite que o grupo de educandos ocupe, simultaneamente, dois lugares: o lugar do fotógrafo, que observa, enquadra, aciona o disparador e o lugar do leitor, que percorre a imagem, pensa, analisa e reflete.

A fotografia é responsável por essa simultaneidade, por essa relatividade do olhar. Os alunos atuarem como fotógrafos e leitores. Ocupar dois lugares simultaneamente e ver o mundo através de perspectivas diferentes.

Ações extensionistas que unam comunicação e educação podem ser responsáveis por mudanças na universidade e, acima de tudo, na sociedade. Essas ações devem ser mais valorizadas dentro da comunidade acadêmica, pois possibilitam aos estudantes e professores conhecerem realidades diferentes. Não se pode ser contrário às mudanças. Deve-se aceitá-las, uma vez que o ser humano está em constante mudança, assim como tudo à sua volta.

O Delta do Parnaíba é uma importante área da zona costeira brasileira, caracterizado por ser o único delta em mar aberto das Américas, formado por cinco barras (Igaracú, Canárias, Caju, Carrapato ou Melancieira e Tutóia), a partir do rio Parnaíba, divisor natural dos Estados do Piauí e Maranhão, composto por mais de 75 ilhas.

Com relação aos ciclos econômicos presentes na região ao longo dos anos, o Delta do Parnaíba presenciou o ciclo da carne-seca, em meados do século XVIII, e a exploração agroextrativista da carnaúba, a partir do século XX. No entanto, algumas comunidades/povoados residentes nas ilhas do delta, em especial na ilha das Canárias, entre elas (Canárias, Passarinho, Caiçara, Torto e Morro do Meio) realizavam suas atividades produtivas relacionadas à extração de recursos marinhos (pesca, cata do caranguejo, da ostra, do sururu). Esta região possui o “menor índice de desenvolvimento humano (IDH) do Brasil e pouco acesso à cultura” (MMA/SDS, 2002, p.13).

A inclusão de jovens e adultos dessas comunidades à cultura fotográfica dentro de ações didático-pedagógicas propostas direciona uma inserção social e digital, além de divulgar a cultura da região do Delta, contribuindo para orientar as políticas públicas da área cultural.

Para uma melhor compreensão do projeto, são apresentados dados estatísticos sobre a atuação dos participantes, que permitem avaliar a eficiência do projeto nas comunidades em que o mesmo foi inserido. Os dados foram coletados a partir de uma pesquisa exploratória, a fim de identificar alguns hábitos dos participantes e identificar seus perfis e respectiva repercussão nas comunidades, atrelando esses perfis, ou não, à necessidade de implantação de ações sociais de grande impacto nas comunidades. O objetivo da análise

estatística foi o de evidenciar, ainda, a necessidade de criação de propostas para o melhor aproveitamento dos residentes das comunidades.

2 Fotografia

Antes de detalhar os conceitos sobre fotografia, e de uma sucinta revisão bibliográfica sobre tal tema, acredita-se ser interessante relatar uma breve história da fotografia.

Muitas são as áreas, do século XVIII até hoje, advindas da fotografia. Algumas são recursos bastante familiares a todos nós como a televisão, o cinema, a radiografia, a ultrasonografia. Outras já não são tão familiares, mas também muito conhecidas, assim como a ecografia, as fotografias infravermelha e ultravioleta.

Os processos fotográficos, assim como os equipamentos utilizados para tal, vêm evoluindo de forma contínua ao longo dos séculos, juntamente com o progresso dos recursos tecnológicos.

Porém, essas não foram às únicas evoluções relativas ao citado campo, pois a função e o significado de fotografia ganharam novos conceitos.

Estamos inseridos em uma cultura visual que alarga seus horizontes a cada dia em função dos avanços tecnológicos.

É necessário sabermos distinguir as “intenções” da fotografia. Ela tanto pode intencionalmente induzir a uma conclusão previamente formulada por seu autor, que é o caso da fotografia publicitária, como pode buscar ser fiel à realidade, procurando ser imparcial, no caso da fotografia documental e jornalística.

Fotografar deixou de ser apenas um modo de rever o passado, e passou a ser uma forma de expressão, uma maneira de criticar uma imagem. E esse fato contribuiu para inúmeras descobertas científicas e tecnológicas, além de constituir formas de expressões artísticas.

Atualmente, a fotografia é um meio de comunicação e informação, trazendo consigo a vantagem de “falar” uma língua universal, que dispensa traduções. Deixando o leitor livre para suas próprias interpretações.

Assim, concorda-se com Carvalho (1998, p.71) quando afirma que “aprender a ler uma imagem é cada vez mais necessário”.

3 Fotografia: oportunidade de instrumento didático-pedagógico

Nos dias de hoje, abundantes são os recursos que podem auxiliar no processo de ensino, uma vez que as mudanças tecnológicas impactam cada vez mais a vida escolar e cotidiana das pessoas.

Segundo Manini (2002), um dos usos da fotografia pode ser didático, aproveitando “a fotografia como instrumento didático utilizado em cursos, aulas, palestras, seminários, tanto no suporte papel, como na utilização de projeções de diapositivos (*slides*) ou por meio eletrônico (fotografia digital)”.

Em trabalho desenvolvido, unindo a fotografia e o estudo da paisagem, no curso de Geografia, Costa e Benites (2009, p. 2) revelam o uso da fotografia como instrumento didático-pedagógico:

O fato é que, tanto como técnica ou como arte, a fotografia, desde sua origem tem sido um instrumento didático-pedagógico utilizado por diversas áreas do conhecimento, revelando-se assim seu caráter interdisciplinar. Isso permite que a Geografia explore essa forma de linguagem como possibilidade de compreensão do espaço. De maneira que, sempre se mantenha como prioridade a observação dos fenômenos, de tal modo que a localização desses estejam relacionados diretamente com o processo de significação dada pelos sujeitos inseridos no seu ambiente de vivência. Nesse sentido, entendemos que as imagens, e, portanto, a fotografia, tem um papel fundamental para compreender o processo de significação dos lugares pelos sujeitos.

De acordo com Sacristan (1998, p.53), que defende “a incorporação de novas tecnologias à educação deveria ser considerada como parte de uma estratégia global de política educativa”. Assim, a fotografia deve ser incorporada como instrumento colaborador na adequação da tecnologia ao processo educativo, pois os estudantes da atualidade estão acostumados a viver cercados por sons, cores e imagens fixas ou dinâmicas. Eles pertencem a um mundo polifônico e policrômico e constituem uma civilização que se utiliza de ícones.

Ainda, Perrenoud e Thurler (2002, p.32) declaram que “o professor também precisa se reciclar, adotando posturas fundamentais ao contexto que se vive atualmente, uma delas é a prática reflexiva e a outra é a implicação crítica”. Sendo que ambas podem utilizar-se da fotografia como meio para alcançar seus objetivos, o professor, ao observar esses fatos, pode muito bem realizar suas aulas fora da sala de aula, levando os alunos para fotografarem sua realidade e cotidiano, por meio de acompanhamento pedagógico e com avaliações periódicas.

Comungando com essa ideia, Freire (1996), prega que “a educação deve valer-se de estímulos retirados do cotidiano dos estudantes, utilizando estes estímulos como forma de despertar sua criatividade e intelecto”.

Kellner (1995) argumenta sobre a necessidade de uma pedagogia crítica pós-moderna, na qual se faz necessário “um alfabetismo crítico em relação à mídia e de competências na leitura crítica de imagens”, que visa à formação de sujeitos não meros destinatários, mas ativos na produção e na recepção de imagens fotográficas, e que se constitui em formas de emancipação e de desenvolvimento sociopolítico e ambiental de sua cidadania, tão fundamentais aos alunos.

Para Alves (2008, p. 12)

Entendemos que a humanização é constituída sócio-historicamente por múltiplos processos educacionais, a socialização e apropriação de saberes e fazeres em torno do fotográfico não apenas traduz um itinerário olucocêntrico de compreensão dos fenômenos, mas nos auxilia a caracterizar e a problematizar as próprias condições de sermos o que somos e o que poderíamos ser. Embora esses processos educacionais não se reduzam ao contexto escolar, é preciso que a escola como um dos espaços preponderantes de socialização e produção de saberes possa contribuir com a apropriação da linguagem fotográfica na perspectiva de assegurar aos alunos experiências imagéticas para que possam, gradativamente, penetrar o enigma das figuras e revelar o inacabamento e a inconclusão do ser humano.

Assim, o uso da fotografia na escola é uma importante atividade para capacitar o aluno a perceber o que está presente na imagem, observar e identificar o que está ausente, aprendendo a analisar o todo, utilizando o olhar crítico, com capacidade de ressaltar as entrelinhas visuais, identificando o que representa a imagem fotográfica, enxergando o que a imagem quis transmitir e interpretando além do próprio acontecimento, através da sensibilidade de observador.

Desse modo, considerando que a percepção visual é uma forma objetiva de interação do homem com o meio, os estímulos visuais atendem aos objetivos do modelo de educação proposto por Paulo Freire. Pois a imagem, independentemente de ser estática ou dinâmica, é um meio eficiente de divulgação da informação, seja ela de caráter educacional, científico ou cultural.

Pois, diferente de uma descrição verbal, que sempre corre o risco de ser tendenciosa, a fotografia utiliza uma linguagem não verbal, dando liberdade ao leitor para tirar as suas próprias conclusões acerca do fato registrado, instigando o estudante a pensar, contribuindo, dessa maneira, para o desenvolvimento do seu intelecto e criatividade.

De acordo com esse pensamento, a fotografia, por ter caráter interdisciplinar, pode ser trabalhada como instrumento que possibilite aos estudantes usufruir desse recurso, viver sua cidadania e valorizar suas relações sociais.

Dentre os **objetivos alcançados**, podem ser citados:

- Formação de Alunos sensibilizados de sua realidade e cultura, capacitados a apresentar a percepção que têm de seu mundo através da fotografia.
- Estímulo à opção pela profissão de fotógrafo socioambiental.
- Envolvimento de alunos (monitores) da Universidade Federal do Piauí (UFPI) dos cursos de Turismo e Licenciatura em Ciências Biológicas em atividade de extensão universitária.
- Desenvolvimento de projetos e trabalhos (conclusão de curso, artigos etc.) pelos alunos envolvidos na ação extensionista.
- Apresentação dos resultados oriundos do levantamento estatístico realizado nas comunidades atingidas pelo projeto, como também traçar um perfil dos jovens e adultos incluídos à cultura fotográfica dentro de ações didático-pedagógicas.

4 Metodologia

O presente projeto aplicou métodos originais, relevantes ao processo educativo e cultural, junto às comunidades e jovens residentes no Delta do Parnaíba, para fomentar um plano de ação conjunto no sentido de sensibilizar sócio-ambientalmente utilizando a fotografia como ferramenta. Teve por finalidade um trabalho de mobilização dessas comunidades, partindo da busca de conhecer as lideranças locais (professores, agentes comunitários e alunos) e quais são seus valores, necessidades profissionais e valorização de sua cultura. Além disso, foi aplicado um questionário com o intuito de realizar um levantamento estatístico a respeito das comunidades atingidas pelo projeto do olhar sócio-ambiental.

A seleção dos alunos nas escolas públicas foi realizada por vários critérios estabelecidos pelas escolas, e pelos representantes das associações de moradores e profissionais liberais que trabalham direta ou indiretamente com turismo de base comunitária.

Quanto aos procedimentos, as oficinas obedeceram os critérios e etapas descritos a seguir:

- Foram realizadas oficinas de fotografia com fotógrafos profissionais voluntários convidados de Teresina (PI) e Bertioga (SP), enfocando a técnica fotográfica associada a uma percepção socioambiental.
- Foram, ao todo, 16 oficinas com 8 horas cada (sendo que 4 horas teóricas e 4 horas práticas). No total de 128 horas. Uma por semana durante os 5 primeiros meses do projeto.
- As oficinas foram coordenadas por fotógrafo profissional, seus colaboradores e pelos monitores do projeto.
- Oficina de linguagem fotográfica, que foi dividida em duas etapas: A) Primeira etapa, foram ensinadas noções básicas da linguagem fotográfica, como por exemplo, planos e enquadramentos. Os alunos conheceram os planos fotográficos através de metodologia desenvolvida pelo fotógrafo, a qual consistia em utilizar uma cartolina com dimensões de um papel A4, com um retângulo central medindo 24 X 32 mm, devidamente orientados, os alunos do projeto simularam uma máquina fotográfica com a cartolina. Através da abertura central, experimentaram as composições dos planos e ângulos, assim como os pontos de vista e movimentos óticos, tendo como referentes os demais colegas do projeto e o espaço escolar. B) Na segunda etapa da oficina, os alunos se dividiram em equipes. Nesse processo, uma continuidade do anterior, chamado de pré-fotográfico, foram utilizadas diversas revistas usadas. Baseados na linguagem fotográfica estudada anteriormente, os participantes recortaram fotografias que possuíam dados da linguagem fotográfica, colaram as fotos em folhas de papel ofício, identificaram cada plano e ângulo e apresentaram seus trabalhos em diversas exposições, ao longo do segundo semestre do projeto, para a comunidade em salas de convenções, shoppings e galerias. Os fotógrafos e os monitores ficaram responsáveis por uma equipe e as monitoras acompanharam a atividade, respondendo algumas questões que surgiam ao longo da ação. Todos os alunos apresentaram os trabalhos selecionados.
- Aulas expositivas sobre: Educação Ambiental; Turismo e Qualidade de Vida; Cultura e Produção Cultural, ministradas pelos profissionais colaboradores do projeto em diversas áreas, que tentaram sensibilizar os jovens das comunidades a melhorar e estimular a percepção de sua realidade. Através da fotografia, visando uma relação de sua cultura com a qualidade de vida, ou seja, os alunos com as máquinas

fotográficas em mãos coletaram sua própria realidade para apresentação de sua cultura na forma física de retrato.

- Aulas interativas e grupos de discussões multidisciplinares, como apresentação de vídeos e teatros.
- Debates sobre problemas sociais e ambientais, exibição de documentários sobre o tema e apresentação dos resultados de pesquisa dos alunos.
- Atividade de campo, onde os alunos fotografaram e expressaram a sua realidade do cotidiano e sua percepção de seu cotidiano, aplicando as técnicas fotográficas das aulas teórico práticas.

5 Análise Estatística dos Dados

O levantamento estatístico junto aos alunos nas comunidades foi realizado em dois momentos (um antes de os alunos realizarem as oficinas e participarem do projeto; e um segundo momento, após o fim das atividades do projeto de educação e fotografia). Foram utilizados dois questionários para cada etapa. O objetivo da análise estatística foi traçar um perfil dos participantes da ação extensionista, de modo a fornecer evidência a respeito da ação do projeto dentro das comunidades, como também ilustrar cenários que possibilitem a criação de propostas de projetos sociais dentro das comunidades estudadas. Os principais aspectos, os quais foram considerados para ilustrar a relevâncias da ação extensionista e sua profundidade são apresentados nos gráficos 1 a 7.

Vale ressaltar que a pesquisa em questão tem caráter exploratório, suficiente para obtenção de evidência sobre o comportamento dos participantes atendidos pelo projeto. Segundo GIL (2008, 23), “A pesquisa exploratória é desenvolvida com o objetivo de proporcionar um cenário geral, por aproximação, sobre um determinado fenômeno/fato em estudo”. Um estudo por amostragem probabilística foi descartado neste estudo, tendo em vista os altos custos operacionais que seriam necessários para suprir a complexidade do mesmo. Por essa razão, os resultados fornecidos apresentam apenas evidência sobre a ação do projeto em questão na vida dos participantes das comunidades atendidas pelo mesmo. Dessa forma, os resultados não podem ser utilizados para realizar inferência acerca de projetos ou outras comunidades da região, porém ilustram a necessidade de uma maior quantidade de ações sociais dentro das comunidades do Delta do Parnaíba.

5.1 Análise das informações do projeto

5.1.1 *Informações gerais sobre a estrutura familiar dos entrevistados – alunos do projeto*

Em março de 2009, os pesquisadores entrevistaram, nos municípios de Parnaíba, Ilha Grande e Luis Correia, 61 jovens interessados em fazer parte do projeto. A análise estatística dos resultados aparece a seguir.

Verifica-se que a maioria dos entrevistados (66%) possuem de um a três irmãos. Isso fornece evidência de que, na comunidade, a maioria das famílias é constituída, no mínimo, por 4 pessoas, pais e dois filhos (gráfico 1).

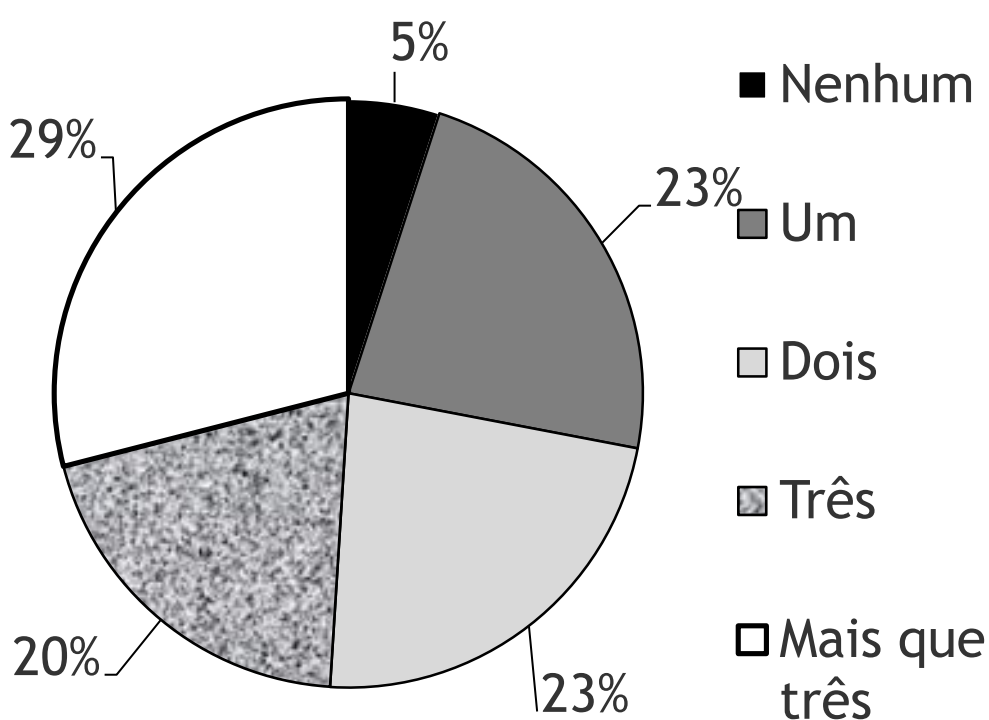


Gráfico 1 - Distribuição dos entrevistados segundo número de irmãos

Com relação à opção de compartilhamento de moradia, os resultados evidenciam que a maioria dos entrevistados (97%) ainda residem com os pais, sendo os 3% restantes constituídos por indivíduos que residem com amigos ou cônjuge (gráfico 2, na próxima página).

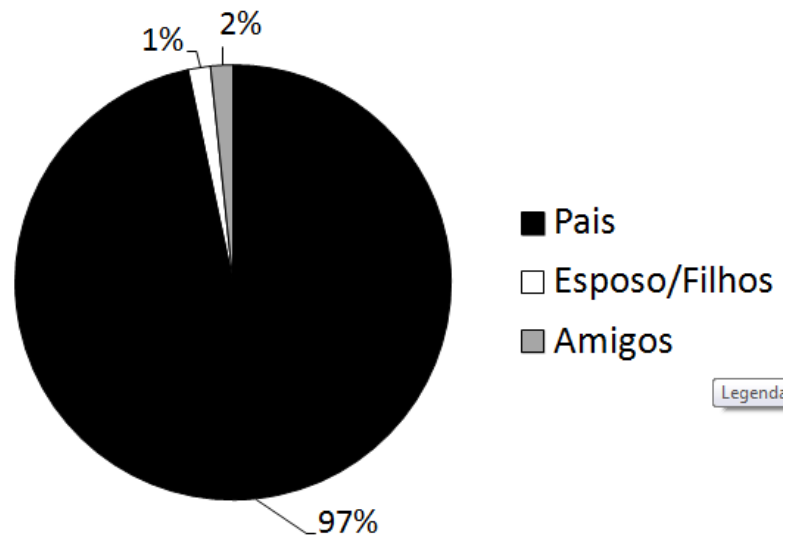


Gráfico 2 - Distribuição dos entrevistados segundo escolha de moradia

É possível, ainda, verificar ainda que em 92% das residências a renda familiar é abaixo de três salários mínimos (gráfico 3). Poucos entrevistados souberam responder qual a formação dos pais, o que evidencia a falta de qualificação profissional dos principais responsáveis pela renda do domicílio (gráficos 4 e 5).

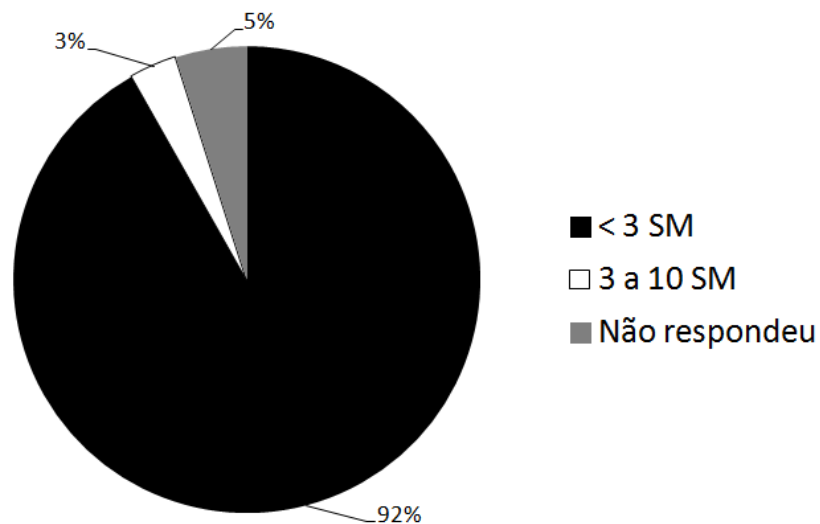


Gráfico 3 - Distribuição dos entrevistados segundo renda do local de moradia

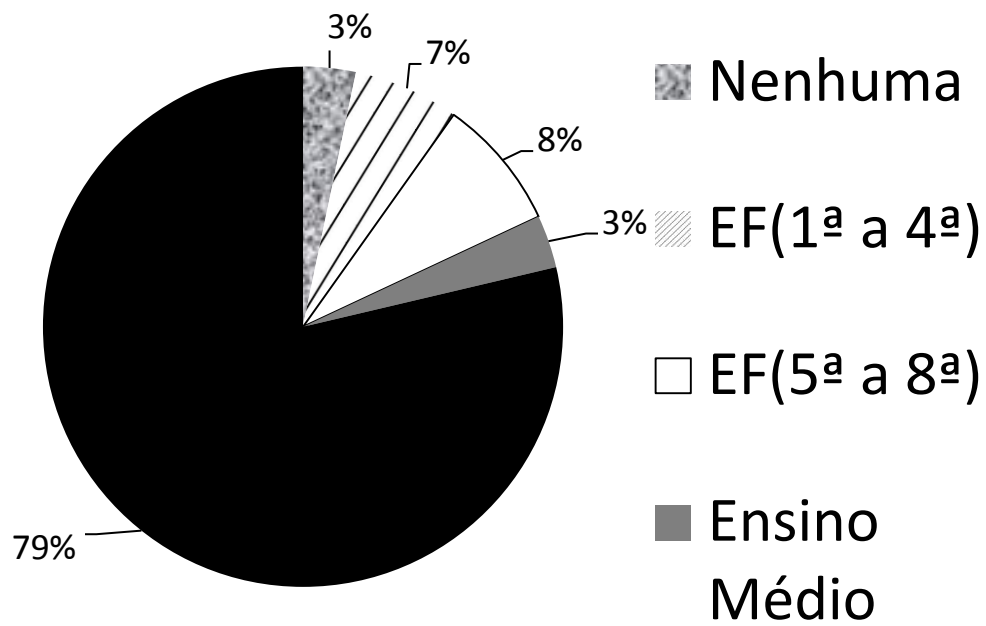


Gráfico 4 - Distribuição dos entrevistados segundo escolaridade do pai

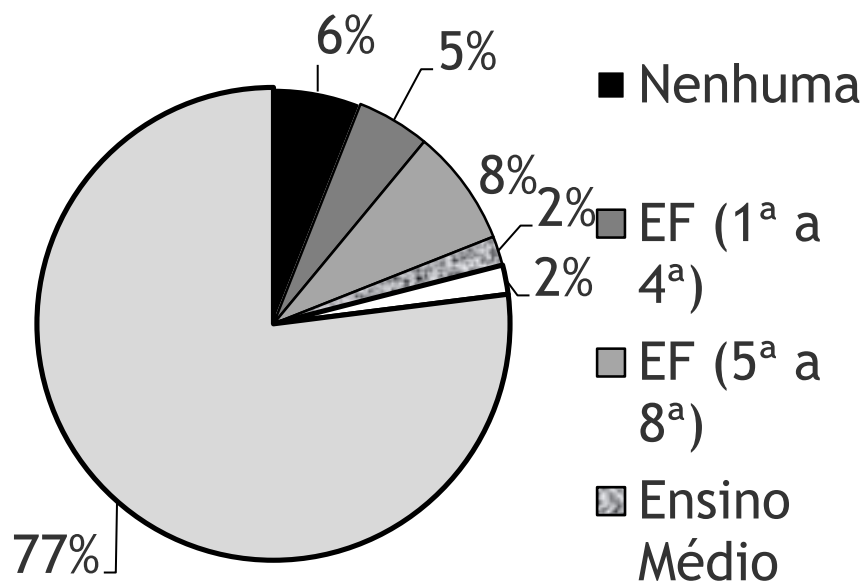


Gráfico 5 - Distribuição dos entrevistados segundo escolaridade da mãe

Verifica-se, ainda, que, entre aqueles que residem com os pais, constata-se que essas famílias são as que possuem um maior número de filhos. Da mesma forma, verifica-se

dentro do grupo de famílias com renda inferior a 3 salários, a maioria (68%) possui de um a três filhos.

5.1.2 Informações sobre hábitos de leitura dos entrevistados

No que diz respeito a hábitos de leitura, verifica-se que grande concentração dos entrevistados raramente lê jornais. Dentre todas as preferências por leitura, predominam as obras literárias de ficção. Apesar de grande parte dos entrevistados possuírem pouco hábito de leitura de jornais, verifica-se que assuntos em geral como cultura e arte os atraem mais. A televisão é o meio de comunicação que a maior parte dos entrevistados possui, e onde buscam atualizar-se, independentemente da preferência literária, pois a grande maioria desses jovens não possui hábitos de leitura. (gráficos 6, 7 e 8).

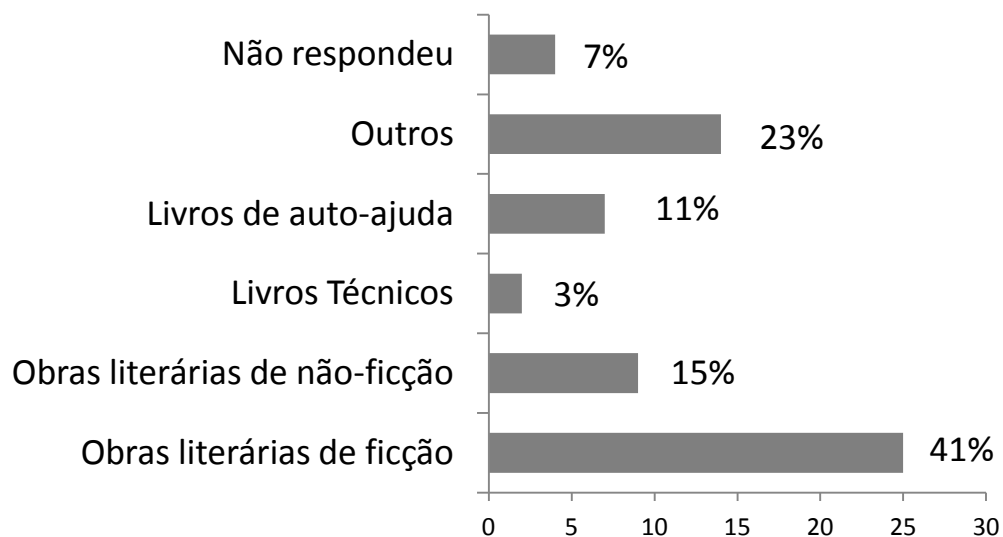


Gráfico 6 - Distribuição dos entrevistados segundo preferência por livros

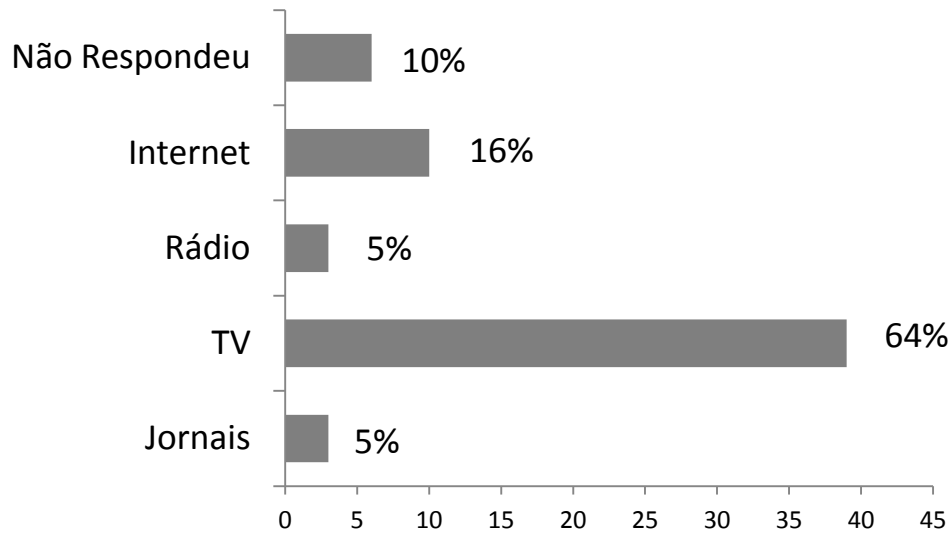


Gráfico 7 - Distribuição dos entrevistados segundo meio de atualização mais frequente

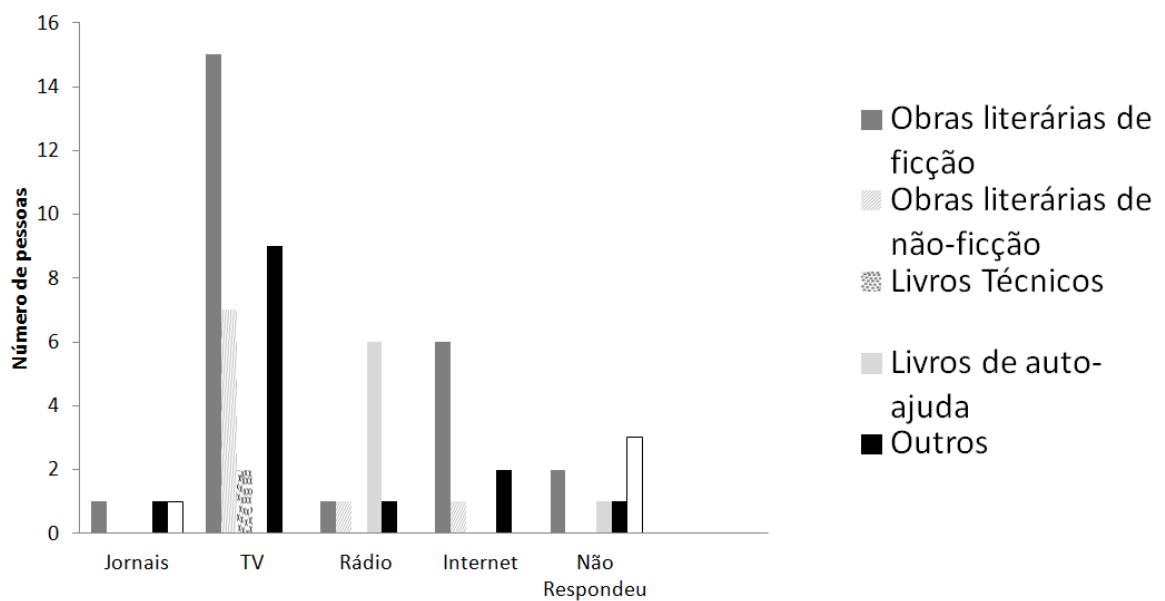


Gráfico 8 - Distribuição dos entrevistados segundo preferência por obras literárias, com base no meio de comunicação que mais utiliza para se manter atualizado

6 Os Resultados

Todos os alunos afirmaram estar contentes com o projeto, o que nos evidencia o fato de que o projeto realmente foi relevante e atingiu nossas expectativas.

Uma resposta positiva foi unânime quando foram questionados sobre a equipe que atuou no projeto, afirmação que nos motiva a continuar a seleção de monitores, professores que acreditam na extensão, na educação e na cultura.

Quando questionados sobre o que mais gostaram no projeto, apontaram como principais itens a equipe, a oportunidade de conhecer outras pessoas e de obter novos conhecimentos sobre fotografia, cultura e meio-ambiente. O item que trata de obter novos conhecimentos foi quase a metade, o que nos mostra que um dos objetivos foi atingido.

Todos afirmam que o projeto colaborou para uma mudança em sua percepção sobre o meio-ambiente. Isto é extremamente significativo para nosso projeto, pois demonstra que ações extensionistas trabalhadas de modo lúdico, com práticas educativas e pessoas interessadas passa credibilidade aos alunos, fazendo com que a percepção do seu entorno mude.

Uma maioria de 91% afirma que a fotografia foi importante para mudar a percepção que tinha sobre sua comunidade, enquanto 9% não responderam. Isso nos leva a crer que a não resposta foi oriunda da falta de entendimento ou crença da evidência de que a resposta anterior já era suficiente.

O projeto colaborou para a escolha de uma futura profissão de um pouco mais da metade dos alunos. Acredita-se que projetos extensionistas devem ser levados principalmente para o público que ainda vai escolher um curso universitário.

Os alunos foram, também, questionados sobre escolha de áreas profissionais. Houve uma predominância das áreas de Biologia, Turismo e Fotografia. Esse dado foi bastante interessante, por conta da divisão das respostas, evidenciando a escolha de uma profissão de forma livre, independentemente do espaço de comunicação cedido aos assuntos, favorecendo, assim, a escolha de uma profissão por parte dos alunos que foram ouvintes e partícipes do projeto.

95% dos alunos dizem ter mudado sua percepção sobre cultura depois de ter participado do projeto, isso é um bom sinal, visto que ao ingressar no projeto, a grande maioria desses alunos não tinham noção do conceito e do que se trata o tema Cultura.

Houve unanimidade sobre a futura participação em outros projetos de extensão com o mesmo foco tratado no projeto “Olhar Socioambiental”. Essa informação é importante para que outros projetos com os mesmos objetivos sejam planejados e implementados com sucesso.

Quando questionados sobre o motivo que contribuiu para a desistência de alguns de seus colegas de curso, os alunos mencionaram, dentre alguns fatores, o fato de que as aulas aconteceram aos finais de semana, e a falta de interesse por parte dos desistentes. Tal informação pode contribuir para que seja possível planejar novos projetos com logísticas diferentes das utilizadas nesse, que está em fase de conclusão e, além disso, para trabalhar com maior eficácia na motivação dos participantes.

Considerações finais

Compreendemos que a fotografia pode ser usada como recurso pedagógico, pois ela inclui tanto o gesto de quem fotografa quanto de quem lê a foto. O projeto permitiu que o grupo de educandos ocupasse, simultaneamente, dois lugares: o lugar do fotógrafo, que observa, enquadra, aciona o disparador e o lugar do leitor, que percorre a imagem, pensa, analisa e reflete.

A fotografia foi responsável pela simultaneidade, pela relatividade do olhar. Os alunos atuaram como fotógrafos e leitores. Ocupar dois lugares simultaneamente é ver o mundo através de perspectivas diferentes.

Os participantes e realizadores da ação também ocuparam dois lugares, o lugar do professor e o lugar do aluno. Ao mesmo tempo em que houve ensinamento de planos, ângulos, enquadramentos, aprendeu-se que uma mesma realidade pode ser vista de diferentes ângulos e que, muitas vezes, dependem da perspectiva do observador.

Participar do projeto de extensão “Olhar Socioambiental” mudou a percepção, com relação ao que não se via, por exemplo os problemas sociais e ambientais do Delta do Parnaíba.

A proposta de uma alfabetização visual através das oficinas de fotografia foi relativamente atingida. Por conta disso, podemos observar nas imagens produzidas pelos adolescentes uma melhora considerável tanto na qualidade estética quanto nos conteúdos registrados ao se comparar os primeiros exercícios fotográficos com os últimos. As

fotografias passaram a ter um objetivo mais claro, ao invés de apresentar motivos dispersos e aleatórios.

As noções técnicas de aproveitamento de luz, uso de *flash* eletrônico, composição e enquadramento foram incorporadas e aplicadas na prática pelos adolescentes, o que favoreceu a qualidade plástica da imagem, mesmo com a utilização de câmeras fotográficas compactas, com poucos recursos tecnológicos, como é o caso das utilizadas nesse projeto.

O trabalho de conscientização e enfrentamento dos problemas foi fundamental para contribuir na formação dos adolescentes (entendendo, aqui, a expressão *formação* em um sentido mais amplo de política), ao mesmo tempo em que criou-se um espaço de lazer para eles se expressarem e trocarem experiências, espaço que os adolescentes não encontram na comunidade, seja pela falta de opções de entretenimento, seja pelo autoritarismo apresentado pela escola.

Assim, a comunidade vai apresentando-se aos poucos, através dos relatos e das imagens produzidas por esses adolescentes, trazendo toda a beleza e a dureza das contradições vividas por esses jovens moradores.

Vale lembrar que toda seleção que se fez em termos do que é fotografável ou não, representa os valores, aquilo que elegeram-se como legítimo de ser lembrado. Nesse sentido, acreditamos que a fotografia contribuiu de fato para a inclusão social dos adolescentes, que puderam se afirmar como sujeito nas imagens – autores e personagens das fotografias, relegando a um segundo plano os problemas da comunidade.

No projeto aprendeu-se que parar e ouvir as pessoas é muito importante. Conhecer a realidade das outras pessoas permitiu compreender que é sempre possível mudar uma realidade. Percebeu-se que não existem tantos problemas quanto se imaginou que haveria.

Ensinar linguagem fotográfica em uma escola da rede pública que atende muitas crianças de uma comunidade carente foi uma experiência importante. Seus pais podiam enfrentar dificuldades em seu dia-a-dia; elas podiam não ter uma alimentação adequada, mas em nenhum momento elas deixaram isso transparecer.

Em todas essas ações do Projeto, a fotografia foi colocada como a interface principal entre a percepção espacial, a escolha e a captura de imagens, leitura e discussões, e o respectivo desenvolvimento da crítica às questões ambientais e ecológicas, junto aos alunos, professores e demais pessoas envolvidas.

Nesse Projeto, a fotografia entrou não somente como meio de informação e documentação visual (como ocorre geralmente com o uso dessa linguagem), mas também oportunizou a aplicação das imagens como forma de mudança de comportamentos e atitudes em relação à fauna, à flora e à cultura do Delta do Parnaíba, bem como aos problemas decorrentes da degradação ambiental.

Acreditamos que os jovens e os adolescentes creem nas mudanças. O que se fez durante o período do projeto, com a ação nas escolas e nas comunidades, foi mostrar que eles podem direcionar as mudanças necessárias. Tentamos mostrar, através da fotografia, que eles são agentes sociais, ambientais e culturais.

Referências

ALVES, J.F. Fotografia e Educação: Alguns Olhares do Saber e do Fazer. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31, 2008, Natal. **Anais... Natal: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação- CD, 2008.**

CARVALHO, R. E. **Temas em educação especial.** Rio de Janeiro: WVA, 1998.

COSTA, M.M.; BENITES, M.G. Realismo na fotografia: um ensaio sobre o estudo da linguagem fotográfica para o ensino de geografia. **Revista Geografia em Atos**, Presidente Prudente, v.2, n. 9, 2009.

DONDIS, D. A. **Sintaxe da linguagem visual.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GURAN, M. “**Inclusão Visual**”, a Inclusão Social através da Fotografia. Disponível em: <<http://photos.uol.com.br/matéria.jsp>>. Acesso em: 27/out/2008.

KELLNER, D. Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

LOPES, A. E. Ato fotográfico e processos de inclusão: análise dos resultados de uma pesquisa-intervenção. In: LENZI, L.H.C.; DA ROS, S.Z. SOUZA, A.M.A. de; GONÇALVES, M.M. (orgs.). **Imagem: intervenção e pesquisa**. Florianópolis: Editora da UFSC: NUP, CED, UFSC, 2006.

MANINI, M.P. **Análise documentária de fotografias**: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins de documentários. Tese (Doutorado em Comunicação) –Universidade de São Paulo/Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes. São Paulo, 2002.

MMA/SDS - MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Zoneamento Ecológico-Econômico do Baixo Rio Parnaíba**: Subsídios técnicos, Relatório Final. - Brasília, 2002.

MORIN, E. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. 11. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2006.

PERRENOUD, P.; THURLER, M.G. **As competências para ensinar no século XXI**: a formação dos professores e o desafio da avaliação. Trad. Cláudia Schilling e Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

SACRISTAN, G. J. **Uma reflexão sobre a prática**. 3a ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, P. de. A foto como modo de intervenção. In: LENZI, L.H.C.; DA ROS, S.Z. SOUZA, A.M.A. de; GONÇALVES, M.M. (orgs.). **Imagem: intervenção e pesquisa**. Florianópolis: Editora da UFSC: NUP, CED, UFSC, 2006.

Enviado em Novembro/2011

Aprovado em Maio/2012